

## O Devir na Poesia Andreseana

Ana Maria Soares

Universidade do Porto

amsoares1819@gmail.com

Data de receção do artigo: 27-05-2012

Data de aceitação do artigo: 20-09-2012

### Resumo

Na escrita andreseana, o tempo como princípio irreversível, inelutável e efêmero caracteriza em especial as obras *No Tempo Dividido* e *Mar Novo*. A partir de *Livro Sexto*, a sua poesia manifesta já uma profunda atenção ao presente coletivo, conturbado por desigualdades sociais, pela opressão, pela violência e por todo o tipo de arbitrariedades. Contudo, esta percepção lúcida do tempo humano, alienado pela adversidade do presente, faz emergir uma aguda ânsia de futuro.

**Palavras-chave:** Sophia de Mello Breyner Andresen – Tempo – Futuro – Desejo – Renovação – Esperança – Sagrado – Axis Mundi – Omphalos – Centro do Mundo

### Abstract

Time as an irreversible ephemeral and ineluctable principle is especially acute in the works of Sophia de Mello Breyner Andresen, *No Tempo Dividido* and *Mar Novo*. But from *Livro Sexto*, her writing reveals already a profound attention to the collective present, troubled by social inequalities, oppression, violence and all kind of arbitrariness. However, an intense desire of future emerges from this lucid perception of human time, alienated by the present's adversity.

**Keywords:** Sophia de Mello Breyner Andresen – Time – Future – Desire – Renewal – Hope – Sacred – Axis Mundi – Omphalos – Center of the World

*Recomeçamos. Não nos rendemos.*

Lars Gustafsson

Na escrita andreseana, o tempo como princípio irreversível, inelutável e efêmero caracteriza, em especial, as obras *No Tempo Dividido* e *Mar Novo*. Com efeito, a temporalidade é perspetivada como condenação por uma falta imemorial, e a morte surge como evento que conduz ao exílio definitivo da pátria do Ser. O «tempo dividido» marca a rutura do homem com o divino, a vanidade do amor, a corrupção do corpo, a perda do Rosto, símbolo da essencialidade humana. O percurso no tempo é apresentado como voreagem, irresistível caminhada entre dois abismos: o da perda do passado, sempre em fuga e cada vez mais distante, e o da perda anunciada pela morte, em vertiginosa aproximação. Mas o «tempo dividido» é também o da tensão *eu-outros*, uma vez que o sujeito rejeita a alienação que se apoderou da convivência quotidiana. A cidade mostra uma humanidade que abdicou do seu reino e que vagueia sem destino nos percursos labirínticos do tempo.

Todavia, este pessimismo despoletado pela percepção trágica da temporalidade humana cedo evolui para uma nova lucidez. A partir de *Livro Sexto*, a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen manifesta já uma profunda atenção ao mundo e uma vidência lúcida do presente coletivo, conturbado por desigualdades sociais, pela opressão, pela violência e por todo o tipo de arbitrariedades que alienam a caminhada temporal do homem. Contudo, ao longo deste estudo, será possível verificar que a poética de Sophia não se limita à denúncia e à expressão da insatisfação face ao presente. Trata-se de uma escrita do desejo e da inquietude, uma escrita que procura a rutura, o único caminho para que se possa reescrever o tempo, buscando-se novos trilhos que permitam reabilitar a autenticidade do homem, transformar o mundo e abrir, desta forma, um tempo historial.

Na verdade, lançada num contexto espaço-temporal desconcertante e adverso ao Ser, a escritora sente intensamente a discrepância que separa o quotidiano das suas próprias expectativas. Dominada pela angústia e por uma certa frustração, inquieta-se. No silêncio do quarto, nos momentos de maior introspecção, é feito o balanço, e o desassossego emerge e asfixia:

No quarto roemos o sabor da fome  
 A nossa imaginação divaga entre paredes brancas  
 Abertas como grandes páginas lisas  
 O nosso pensamento erra sem descanso pelos mapas  
 A nossa vida é como um vestido que não cresceu connosco<sup>1</sup>

A existência é encarada como abismo entre a realidade e o desejo. Sentindo-se viver contraditoriamente, o sujeito poético é - invadido por uma «fome» de futuro. Os «mapas» mostram-lhe uma infinidade de itinerários, traçam percursos insondados e possíveis, incitam-no a abandonar o sedentarismo temporal e a caminhar para o devir. Porém, é necessário escolher o destino e projetar o rumo a seguir, sem se perder na harpa de possibilidades que o futuro permite. Em *Livro Sexto*, a forma encontrada para romper com um presente que resvala em contínua insatisfação é a do confronto, a da ação revolucionária e transformadora. A dimensão testemunhal caracterizará então, a partir deste momento, a escrita de Sophia.

Em «Carta aos Amigos Mortos», o sujeito poético revela as suas opções, assume a liberdade de agente histórico, e faz sentir que o caminho escolhido é o único possível:

Porém aqui eu escolhi viver  
 Nada me resta senão olhar de frente  
 Neste país de dor e incerteza  
 Aqui eu escolhi permanecer  
 Onde a visão é dura e mais difícil

Aqui me resta apenas fazer frente  
 Ao rosto sujo de ódio e de injustiça<sup>2</sup>

Enuncia-se um projeto de vida. A decisão de «permanecer» revela a consciência da lacuna: falta cumprir algo, o seu destino. As atitudes de «fazer frente» e de «olhar de frente» significam, desde logo, uma rutura com a situação contemporânea, e estabelecem o futuro como horizonte. A ação revolucionária adquire, assim, uma dupla faceta. Por um lado, faz sentir o presente, pois é nele que se desencadeia a transformação, mas, por outro, denuncia a presença do

---

<sup>1</sup> Cf. poema «No Quarto», *Geografia*, in *Obra Poética*, Lisboa, Editorial Caminho, 2010, p. 483.

<sup>2</sup> *Livro Sexto*, in *Obra Poética*, Lisboa, Editorial Caminho, 2010, p. 419.

devir. O projeto, antecipação de um futuro desejado<sup>3</sup>, influencia, a cada momento, o rumo da atualidade, e justifica a iniciativa dissidente. Na verdade, «L'avenir désire se substituer au présent: c'est l'altération du présent»<sup>4</sup>, daí que o tempo se institua como negatividade pura, na medida em que, rejeitando continuamente a realidade, o sujeito age de forma transformadora, rompendo com o próprio presente e criando uma nova ordem. É este «travail secret du négatif»<sup>5</sup> que converte o tempo em reescrita incessante, fundada num desejo: o de anular o presente e de, assim, iniciar o futuro. Esta possibilidade de recomeçar e de abrir uma nova era surge, em Sophia, com a Revolução de Abril, acontecimento que abriu uma fissura no rumo nacional. A escritora viveu deslumbrada esse momento de rutura com um percurso labiríntico e sem saída para a vida comunitária. No poema «25 de Abril», celebra esse evento de emergência da escuridão para a luz, da opressão para a liberdade:

Esta é a madrugada que eu esperava  
 O dia inicial inteiro e limpo  
 Onde emergimos da noite e do silêncio  
 E livres habitamos a substância do tempo<sup>6</sup>

Finalmente, as suas maiores esperanças concretizam-se. A inquietude e a indignação convertem-se em profundo otimismo face ao destino coletivo. De facto, a poesia «estava na rua»<sup>7</sup>, o presente libertava o homem da caverna obscura em que havia sido agrilhado. A revolução terminara com a entropia e criara condições para um

---

<sup>3</sup> Georges Poulet considera que «Le projet est donc déjà un commencement d' action. C' est un mouvement anticipateur qui du présent se projette vers le futur pour lui imposer une forme voulue; ou encore, c'est la volonté de substituer à l' avenir indéterminé, qui est l'oeuvre du hasard, un autre avenir, prédéterminé, qui est l'oeuvre de la volonté.» (*Études sur le Temps Humain II*, Paris, Éd. du Rocher, 1976, pp. 70-71).

<sup>4</sup> Nicolas Grimaldi, *Le Désir et le Temps*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1992, p. 143.

<sup>5</sup> *Idem*, p. 163.

<sup>6</sup> *O Nome das Coisas*, in *Obra Poética*, ob. cit., p. 618. A este propósito, veja-se também o poema «Revolução – Descobrimiento», *idem*, in *idem*, p. 623. Em entrevista concedida a Eduardo Prado Coelho, Sophia confessa: «O 25 de Abril foi dos momentos de máxima alegria da minha vida. Foram dias que vivi em estado de levitação. [...] De facto fiquei em êxtase e foi como eu vivi.» («Sophia de Mello Breyner Andresen Fala a Eduardo Prado Coelho», *ICALP*, 6, 1986, p. 74).

<sup>7</sup> Cf. a entrevista realizada por José Carlos de Vasconcelos, «Sophia: a Luz dos Versos», *Jornal de Letras*, 25 de junho de 1991, p. 10.

novo início<sup>8</sup>. Mas, para que a reformulação do percurso coletivo se tornasse uma realidade no tempo, os esforços deveriam conjugar-se no sentido de auxiliar o povo a ascender à sua própria emancipação. A verdade era o único caminho a seguir, a fim de possibilitar a todos os membros da comunidade a livre participação no destino comum. «Nesta Hora»<sup>9</sup> é o poema que estabelece um verdadeiro programa de intervenção direta na reestruturação do quotidiano coletivo. O sujeito poético reitera a necessidade de criar condições para que «o povo regresse do seu longo exílio». É, então, fundamental ultrapassar a ideia generalizada de que «o povo só pensa metade» ou de que «o povo não percebe nem sabe». Assim, o esclarecimento e a emancipação dos membros que constituem a comunidade só são possíveis, como já se referiu anteriormente, se se promover a cultura. Por outro lado, considera Sophia, «Não basta gritar povo é preciso expor / Partir do olhar da mão e da razão». A escritora defende, além do princípio da verdade, a união de esforços, fundada numa conjugação do pensar e do agir, numa articulação correta entre os que governam e o povo<sup>10</sup>. Este será o caminho para «construir a festa do terrestre».

No entanto, cedo a Revolução de Abril revelou vicissitudes que denunciavam uma rutura pouco consistente com o passado. O deslumbramento inicial cedeu espaço a um certo desencanto. A renovação anunciada ficou aquém das expectativas de Sophia, como se poderá constatar nas suas palavras:

[...] foi uma ocasião perdida, de uma maneira terrível, talvez porque não está na natureza das coisas cumprir aquilo que o 25 de Abril prometia... É um pouco como a adolescência que tem em si imensas possibilidades que depois se vão malogrando.<sup>11</sup>

Efetivamente, a escritora lança um conjunto de acusações contra aqueles que subverteram os ideais revolucionários e que restabeleceram o tempo do desencontro. O futuro vacila novamente

---

<sup>8</sup> Cf. poema «Revolução»: «Como puro início / Como tempo novo / Sem mancha nem vício / [...] // Como página em branco / Onde o poema emerge» (*O Nome das Coisas*, in *Obra Poética*, ob. cit., p. 619).

<sup>9</sup> *Idem*, in *idem*, p. 620.

<sup>10</sup> Esta mesma tese da necessidade de coordenação entre pensamento e ação surge defendida no poema «O Rei de Ítaca»: «A civilização em que estamos é tão errada que / Nela o pensamento se desligou da mão» (*idem*, in *idem*, p. 631).

<sup>11</sup> «Sophia de Mello Breyner Andresen Fala a Eduardo Prado Coelho», *ICALP*, 6, 1986, p. 74. A propósito da decepção que se segue à Revolução de Abril, veja-se também o poema «O País sem Mal», *Ilhas*, in *Obra Poética*, ob. cit., p. 750.

porque «Novos ratos mostram a avidez antiga»<sup>12</sup>. A demagogia não desapareceu. Mantém-se a usura da palavra «sagrada», pois a linguagem é convertida em «jogo», em «moeda», em instrumento de poder<sup>13</sup>. As forças políticas caracterizam-se pelo erro e pela desvirtuação. Sophia reconhece os insucessos da atuação da esquerda («Nestes últimos tempos é certo a esquerda fez erros / Caiu em desmandos confusões praticou injustiças»), mas não iliba a direita, que, na sua perspetiva, pratica uma «eficaz expedita / Degradação da vida»<sup>14</sup>. Sendo assim, o impulso regenerador resultou em nova deceção. Que atitude tomar, então, face ao erro e ao fracasso desta tentativa? No poema «Os Erros», problematiza-se essa questão e mostram-se os dois caminhos possíveis:

A confusão a fraude os erros cometidos  
 A transparência perdida – o grito  
 Que não conseguiu atravessar o opaco  
 O limiar e o linear perdidos

Deverá tudo passar a ser passado  
 Como projecto falhado e abandonado  
 Como papel que se atira ao cesto  
 Como abismo fracasso não esperança  
 Ou poderemos enfrentar e superar  
 Recomeçar a partir da página em branco  
 Como escrita de poema obstinado?<sup>15</sup>

Sophia interpela o presente coletivo e questiona-o: desistir ou persistir? A abdicação implica uma queda no abismo, um retrocesso, na medida em que destitui o homem da esperança, o sentimento que o impulsiona para o devir e que atribui um sentido à sua existência. A obstinação é, nesse caso, a melhor escolha, mas terá de ser lúcida. Os erros do passado deverão ser encarados como aprendizagem e como ponto de partida. Através deles, a coletividade poderá reformular a sua atuação e restabelecer o diálogo com o futuro. «Projecto II»<sup>16</sup> sublinha essa atitude de coragem histórica face à «errância» e às «derrotas» de um desejo comum que se quebrou contra a entropia do tempo. O

<sup>12</sup> Cf. poema «Poema», *O Nome das Coisas*, in *idem*, p. 664.

<sup>13</sup> Cf. poema «Com Fúria e Raiva», *idem*, in *idem*, p. 621.

<sup>14</sup> Cf. poema «Nestes Últimos Tempos», *idem*, in *idem*, p. 661.

<sup>15</sup> *Idem*, in *idem*, p. 635. A problematização do fracasso da iniciativa comum surge também no poema «Lagos II», *idem*, in *idem*, pp. 633-634.

<sup>16</sup> *Idem*, in *idem*, p. 648.

recomeço a partir das ruínas é a mensagem que atravessa as gerações<sup>17</sup>. É fundamental que o presente continue a tentar o futuro e a desejar atingi-lo. O erro terá de ser assumido como um avanço, pois é ele que permite redefinir os caminhos que conduzem ao devir. Neste comportamento, reside a essência da superação do fracasso, assim como a essência do presente, enquanto espaço privilegiado «de l' initiative et du choix»<sup>18</sup>. Não é, pois, de estranhar, em Sophia, a insistente evocação de um trajeto temporal delineado previamente e o sentimento de esperança ligado à sua concretização. Na verdade, a alusão a um *projecto* é recorrente em vários poemas. Em «Lagos I»<sup>19</sup>, a contemplação da cidade límpida, clara e ordenada acende no sujeito poético «a nostalgia de um projecto». Na sua arquitectura «concisa» e luminosa, entrevê-se o germe de um ideal coletivo: «Na luz de Lagos matinal e aberta / [...] / O meu país se invoca e se projecta». Também em «Projecto I»<sup>20</sup> a sobriedade arquitetónica da «casa térrea» lembra continuamente esse futuro desejado («Aqui na casa térrea a arquitectura / Tem a clareza nua de um projecto»). Em contrapartida, em «Lagos II», «Os Erros» e «Projecto II»<sup>21</sup> problematizam-se, como já se referiu, as questões do fracasso e da atitude a tomar perante a falência da iniciativa comum. Todas estas composições poéticas confirmam a adesão de Sophia a um *nós*. O desejo de futuro não se aplica apenas ao plano das aspirações individuais, alarga-se ao domínio coletivo e integra o sujeito numa angústia e numa vontade plural. Articulado à comunidade, procura, agora, transformá-la, apelando à continuidade dos esforços e ao recomeço obstinado, apesar dos obstáculos e das perdas. Ora, esta atitude reveste a escrita de Sophia de um forte sentimento de esperança. O presente é percorrido pela expectativa de um futuro que se deseja e que se persevera em atingir. No entanto, esperar é, acima de tudo, acreditar, ter confiança. Em «A Forma Justa», domina a fé na «reconstrução do mundo». O devir assume-se como possibilidade realizável:

Sei que seria possível construir o mundo justo  
As cidades poderiam ser claras e lavadas

---

<sup>17</sup> «Porém restam / Do quebrado projecto de sua empresa em ruína / Canto e pranto clamor palavras harpas / Que de geração em geração ecoam / Em contínua memória de um projecto / Que sem cessar de novo tentaremos» (*ibidem*).

<sup>18</sup> Emmanuel Levinas, *Dieu, la Mort et le Temps*, Paris, Bernard Grasset, 1993, p. 204.

<sup>19</sup> *O Nome das Coisas*, in *Obra Poética*, ob. cit., p. 617.

<sup>20</sup> *Idem*, in *idem*, p. 622.

<sup>21</sup> *Idem*, in *idem*, pp. 633-634, p. 635 e p. 648, respetivamente.

Pelo canto dos espaços e das fontes  
 O céu o mar e a terra estão prontos  
 A saciar a nossa fome do terrestre  
 A terra onde estamos – se ninguém atraíçoasse – propria  
 Cada dia a cada um a liberdade e o reino  
 – Na concha na flor no homem e no fruto  
 Se nada adoecer a própria forma é justa  
 E no todo se integra como palavra em verso  
 Sei que seria possível construir a forma justa  
 De uma cidade humana que fosse  
 Fiel à perfeição do universo

Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco  
 E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo<sup>22</sup>

Tais convicções inspiram o sujeito poético e dão-lhe alento para prosseguir com determinação, recomeçando continuamente, apesar dos obstáculos. Ora, esta ideia de reconstrução aponta para uma conceção cíclica da temporalidade. O tempo é percecionado como um percurso irregular, oscilando entre momentos de declínio e de regeneração. Na verdade, renovar o mundo pressupõe uma rutura. Reconstruir implica exorcizar o tempo de todos os males que o consomem, para, desta forma, abrir uma nova ordem cósmica. «Inicial»<sup>23</sup> ilustra esse rito catártico em que o mar, símbolo do caos elementar, purifica e faz o sujeito regressar ao puro começo, instaurando uma nova possibilidade de redenção: «O mar azul [...] / Onde o que está lavado se relava / Para o rito do espanto e do começo / Onde sou a mim mesma devolvida». Igualmente, no poema «A Fonte», a água que jorra ininterrupta convoca o mundo ao ritual de purificação e de regeneração temporal: «Com voz nascente a fonte nos convida / A renascermos incessantemente»<sup>24</sup>. Mircea Eliade considera que estas «purificações rituais» significam, acima de tudo, «uma *combustão*, uma anulação dos pecados e das faltas do indivíduo e da comunidade no seu conjunto, e não uma simples ‘purificação’»<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> *Idem*, in *idem*, p. 660. No poema «Maria Helena Vieira da Silva ou o Itinerário Inelutável», encontra-se a mesma esperança no futuro coletivo: «Mas um dia emergiremos e as cidades / Da equidade mostrarão seu branco / Sua cal sua aurora seu prodígio» (*Dual*, in *idem*, p. 561).

<sup>23</sup> *Idem*, in *idem*, p. 565.

<sup>24</sup> *Idem*, in *idem*, p. 564.

<sup>25</sup> *O Sagrado e o Profano*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p. 90.



Não obstante, o devir, em Sophia, possui uma outra dimensão. Se, por um lado, coincide com a regeneração histórica, com a capacidade de o tempo se reformular e, assim, permitir que o homem prospere no seio de uma *polis* esclarecida e coesa, por outro, o futuro simboliza o fim da História, a culminação do percurso temporal e a irrupção absoluta do sagrado. Neste último sentido, o devir constitui-se igualmente como um evento circular, visto que repõe uma ordem que o hiato temporal havia rompido<sup>26</sup>. Envolto na indefinição, este futuro não deixa de estar impregnado de esperança e de promessa. Após a travessia do deserto temporal surge o «Oásis», a *Terra Prometida* que oferece o repouso e a tranquilidade desejados:

Penetraremos no palmar  
 A água será clara o leite doce  
 O calor será leve o linho branco e fresco  
 O silêncio estará nu – o canto  
 Da flauta será nítido no liso  
 Da penumbra  
 Lavaremos nossas mãos de desencontro e poeira<sup>27</sup>

No fim da viagem, neste Éden, o homem encontrará a frescura das palmeiras e a quietude ansiada. No silêncio imutável deste *locus amoenus*, o «linho branco» das vestes celebrará a exorcização do passado. O rito final («Lavaremos nossas mãos») selará a rutura definitiva com o tempo. Agora, o homem habitará o absoluto, ouvindo a serena e harmoniosa música do Ser. Na composição poética «Ressurgiremos», o futuro como regresso ao puro início e como *hierofania*<sup>28</sup> surge particularmente sublinhado:

Ressurgiremos ainda sob os muros de Cnossos  
 E em Delphos centro do mundo  
 Ressurgiremos ainda na dura luz de Creta

Ressurgiremos ali onde as palavras  
 São o nome das coisas

---

<sup>26</sup> Mircea Eliade considera que esta concepção do tempo distingue o «homem profano» do «homem religioso». Na sua perspetiva, este último «recusa-se a viver unicamente no que, em termos modernos, se chama 'o presente histórico'; esforça-se por tornar a unir-se a um tempo sagrado que, de um certo ponto de vista, pode ser homologado à 'Eternidade'». (*idem*, pp. 82-83).

<sup>27</sup> *O Nome das Coisas*, in *Obra Poética*, ob. cit., p. 643.

<sup>28</sup> Este termo é proposto por Mircea Eliade, e significa «o ato da manifestação do sagrado» (*O Sagrado e o Profano*, ob. cit., p. 25).

E onde são claros e vivos os contornos  
Na aguda luz de Creta

Ressurgiremos ali onde pedra estrela e tempo  
São o reino do homem  
Ressurgiremos para olhar para a terra de frente  
Na luz limpa de Creta

Pois convém tornar claro o coração do homem  
E erguer a negra exactidão da cruz  
Na luz branca de Creta<sup>29</sup>

Neste poema, domina uma verticalidade ascendente, expressa logo no primeiro verso. O verbo ressurgir, proveniente do étimo latino *surgere*, contém em si a evolução do nada para o ser («nascer», «ressuscitar») e o movimento do nadir para o zénite («erguer-se», «eivar-se»). Da mesma forma, a ressurreição «sob os muros de Cnossos» exprime a emergência da treva para a luz, do mundo subterrâneo da morte para a vida, do finito para o infinito. Os muros de Cnossos evocam ainda as ruínas do palácio labiríntico de Minos, espaço duplamente sagrado, pois, tal como Delfos, Cnossos é um «centro do mundo». Com efeito, Mircea Eliade sublinha que:

[...] no centro do mundo encontra-se a «montanha sagrada», e é aí que o Céu e a Terra se encontram; [...] qualquer templo ou palácio e, por extensão, qualquer cidade sagrada e qualquer residência real são assimilados a uma «montanha sagrada», sendo assim elevados a «centros» [...]<sup>30</sup>

Contudo, um outro fator converte o labirinto num símbolo sacral. Sendo em essência um entrecruzamento de caminhos, o espaço labiríntico remete para o tempo e para o confronto do homem com múltiplas escolhas. A sua sinuosidade traduz, então, as intrincadas circunvoluções da temporalidade, conducentes a um centro sagrado cujo mapa é preciso desvendar. O homem que vagueia nos circuitos labirínticos é o iniciado que percorre um caminho de errância e que, por tentativas e ultrapassando obstáculos exigentes, procura conquistar o centro, pois «viver junto de um 'Centro do Mundo' equivale, em

<sup>29</sup> *Livro Sexto*, in *Obra Poética*, ob. cit., p. 399.

<sup>30</sup> *Tratado de História das Religiões*, Porto, Edições Asa, 1997, pp. 464-465. Numa outra obra, o estudioso sublinha que o «Centro» é «a zona do sagrado por excelência, da realidade absoluta» (*O Mito do Eterno Retorno*, Lisboa, Edições 70, 1993, p. 32).

suma, a viver o mais perto possível dos Deuses»<sup>31</sup>. Este será, por conseguinte, o destino daqueles que superam as provas iniciáticas. O acesso a esse *axis mundi* coincide com o reencontro do princípio dos princípios. Regressa-se, por isso, à palavra divina que habita os tempos aurorais: «Ressurgiremos ali onde as palavras / São o nome das coisas»<sup>32</sup>. Após a longa permanência na treva, ascende-se à vidência plena, sob a luz «dura», «aguda», «limpa» e «branca» da Verdade, que define os contornos «vivos» e «claros» do Real. Esta ressurreição determina, por isso, o fim definitivo da temporalidade e a abertura para uma existência sagrada, intemporal. Imerso no infinito, o homem poderá «olhar para a terra de frente», dado que a morte permitiu o desenraizamento, a rutura do cordão umbilical que o unia ao irreversível. Habitando o Centro, reside num plano outro, a partir do qual contempla, distante e desprendido, o passado. Ressurgindo na intemporalidade, o homem, anteriormente separado de si mesmo, recupera a esfericidade, pois regressa a si e acede à plenitude do Ser.

No entanto, esta composição poética faz coexistir, de maneira muito particular, a mitologia grega com princípios cristãos. Numa das suas entrevistas, Sophia explica a sua relação com as duas mundividências:

Se o que me atrai no mundo grego é a confiança, um sentido positivo, o Cristianismo é, para mim, a positividade extrema, uma vez que se funda na Ressurreição. O mundo grego é detido pela morte; o mundo cristão não é detido pela morte.<sup>33</sup>

<sup>31</sup> Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano*, ob. cit., p. 104.

<sup>32</sup> No seu artigo «L'Espace du Labyrinthe et le Temps du Héros», Marc Augé defende que «Dans la mythologie dogon comme dans la mythologie chrétienne la parole, parole divine, est à l'origine du monde. Cette parole est représentée par un signe ondulé, évoquant la spirale née du mouvement vibratoire initial qui est à l'origine du monde» (*Temps Perdu, Temps Retrouvé*, Neuchâtel, 1985, p. 23). No «Prólogo» de São João, quando se evoca o momento da criação, surge também esta tese: «No princípio já existia o Verbo, / e o Verbo estava com Deus, / e o Verbo era Deus.» (Jo 1, 1). Note-se que o termo «Verbo», proveniente do étimo latino *verbum*, significa «Palavra».

<sup>33</sup> «Sophia: 'Sou Uma Mistura de Norte e Sul'», entrevista realizada por Miguel Serras Pereira, *Jornal de Letras*, 5 de fevereiro de 1985, p. 3. Cf. a este propósito o poema «Canon», *Musa*, Lisboa, Editorial Caminho, 1994, p. 37. Sobre a redenção cristã que «ultrapassa o quadro do pensamento grego», ver Maria João Borges, *Em Torno do Conceito de «Poesia Pura»: Cínatti, Sophia e Eugénio de Andrade (A Poesia como Investidura, Iniciação e Respiração)*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1996, pp. 310-313. Ver também Carlos Ceia, «A Natureza da Filomitolgia de Sophia», *O Escritor*, 6, Lisboa, 1995, pp. 106-116.

De facto, «Ressurgiremos» exprime essa diferença e realça a preferência pelo modelo escatológico cristão. O *omphalos*, a pedra sagrada que, segundo os gregos, marca o centro da Terra e que estabelece a interseção entre três zonas cósmicas (o mundo subterrâneo dos mortos, a Terra e o Céu<sup>34</sup>) é substituído por uma nova verticalidade: a da «negra exactidão da cruz», cujo recorte nítido na «branca» luz de Creta cria um «espaço 'aberto para cima', quer dizer, em comunicação com o mundo divino»<sup>35</sup>. A cruz é o novo *omphalos* proposto por Sophia, o pilar central que sustenta o universo e que une o tempo à eternidade. «Ressurgiremos» exprime a necessidade de «erguer» esse *axis mundi*, a fim de que o homem errante no labirinto temporal, olhando para o alto, aviste a coluna sagrada e consiga, desta forma, orientar-se e convergir para o centro, abrindo um «tempo hierofânico»<sup>36</sup>.

Horizonte do presente, o devir, em Sophia de Mello Breyner Andresen, surge, assim, problematizado de diversas formas. Concebido como intratemporalidade, o futuro é projeto inquietante, pois interpela continuamente o presente histórico, e procura incitá-lo à iniciativa e à renovação, sempre que o traçado estabelecido se desvirtua. O tempo surge, portanto, como matéria que o homem pode lapidar, usando os instrumentos da rutura e da regeneração. O erro ou o fracasso constituem-se como mecanismos que espicaçam e que geram a necessidade de instaurar um novo princípio, partindo, agora, da correção da rota, individual ou coletiva, em direcção ao devir projetado. Por esta razão, o futuro é profunda esperança, na medida em que se acredita na efetiva conquista da excelência humana, no seio do tempo. Isso implica, no entanto, uma articulação perfeita entre o indivíduo e a comunidade, visto que só integrado num espaço comum se poderá realizar historicamente e reencontrar a sua plenitude dentro da irreversibilidade. Todavia, o devir é também realidade extratemporal, princípio escatológico que, prevendo o fim último do tempo, devolve o homem à sacralidade primeva. O percurso temporal assemelha-se, por isso, a uma peregrinação em demanda do «Centro do Mundo», espaço-tempo hierofânico que o homem deseja habitar mas que lhe impõe uma viagem iniciática, durante a qual se poderá reencontrar ou perder. Este *eschaton*, concebido como regresso ao estado auroral, não pode, contudo, identificar-se com o «mito do

---

<sup>34</sup> Cf. Mircea Eliade, *Tratado de História das Religiões*, ob. cit., pp. 294-300; 464-469.

<sup>35</sup> Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano*, ob. cit., p. 104.

<sup>36</sup> Cf. Mircea Eliade, *Tratado de História das Religiões*, ob. cit., pp. 481-484.

eterno retorno». Efetivamente, não se verifica o enclausuramento do homem numa periodicidade eternamente renovável. A História não é abolida, a fim de se regressar ao amorfismo inicial que antecede uma nova explosão criadora. Para Sophia, o devir exterior ao tempo é um acontecimento único que permite a recuperação definitiva da eternidade antiga e que abre de forma irreversível uma existência sagrada.

## Bibliografia

- Andresen (1985): Sophia de Mello Breyner Andresen, «Sophia: 'Sou Uma Mistura de Norte e Sul'», entrevista de Miguel Serras Pereira, *Jornal de Letras*, 5 de fevereiro.
- Andresen (1986): Sophia de Mello Breyner Andresen, «Sophia de Mello Breyner Andresen Fala a Eduardo Prado Coelho», *ICALP*, 6, Lisboa.
- Andresen (1991): Sophia de Mello Breyner Andresen, «Sophia: A Luz dos Versos», entrevista de José Carlos de Vasconcelos, *Jornal de Letras*, 25 de junho.
- Andresen (2010): Sophia de Mello Breyner Andresen, *Obra Poética*, Lisboa, Editorial Caminho.
- Augé (1985) : Marc Augé, «L'Espace du Labyrinthe et le Temps du Héros», in *Temps Perdu, Temps Retrouvé*, Musée d'Ethnographie Neuchâtel.
- Borges (1996): Maria João Quirino Rosa da Cunha Borges, *Em Torno do Conceito de «Poesia Pura»: Cinatti, Sophia e Eugénio de Andrade (A Poesia como Investidura, Iniciação e Respiração)*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Ceia (1995): Carlos Ceia, «A Natureza da Filomitolgia de Sophia», *O Escritor*, 6, Lisboa.
- Eliade (1993): Mircea Eliade, *O Mito do Eterno Retorno*, Lisboa, Edições 70.
- Eliade (1997): Mircea Eliade, *Tratado de História das Religiões*, Porto, Edições Asa.
- Eliade (s/d): Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano*, Lisboa, Edição Livros do Brasil.

Grimaldi (1992): Nicolas Grimaldi, *Le Désir et le Temps*, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin.

Levinas (1993) : Emmanuel Levinas, *Dieu, la Mort et le Temps*, Paris, Bernard Grasset.

Missionários (1974): Capuchinhos Missionários, *Bíblia Sagrada* (trad. das línguas originais), North Carolina, C. D. Stampley Enterprises, Inc.

Poulet (1976): Georges Poulet, *Études sur le Temps Humain II*, Paris, Éditions du Rocher.